

1  
2  
3  
4  
5  
6  
7

# EDIÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DE DOIS DOCUMENTOS DO SÉCULO XVIII DA CAPITANIA DA BAHIA

Maria Ionaia de Jesus Souza (UNEB)  
[ionaiasouza@yahoo.com.br](mailto:ionaiasouza@yahoo.com.br)

8  
9  
10  
11  
12  
13  
14  
15  
16  
17  
18  
19  
20  
21  
22  
23  
24  
25  
26  
27  
28  
29  
30  
31

## RESUMO

Esta comunicação faz parte de um projeto maior, relacionado à temática indígena da Capitania da Bahia do século XVIII, cujo objetivo é fazer a edição diplomática de 56 manuscritos pertencentes ao Arquivo Histórico Ultramarino. O *corpus* de análise para este trabalho é constituído por documentos que fazem parte do acervo desse Arquivo. Existe hoje catalogado um volume considerável sobre a Capitania da Bahia no Arquivo Histórico Ultramarino. Uma avaliação inicial sobre essa documentação comprova a existência de muitos documentos relacionados à temática indígena no século XVIII. Os manuscritos desse arquivo revelaram, inicialmente, uma profusa variação gráfica que parece dificultar o acesso por pessoas com pouco ou nenhum treino em leituras de textos antigos. Como se sabe, ainda se está por reconstituir a sócio-história da Bahia, sobretudo questões relacionadas à temática indígena. A partir do levantamento para estudos que possam auxiliar nessa reconstrução, foram encontradas referências no Arquivo Histórico Ultramarino sobre repartições de terras e guerras envolvendo os índios da referida capitania. Para o presente estudo, escolheu-se dois desses documentos para edição diplomática e caracterização paleográfica. Considerando a importância desse período para a história do Brasil, estes manuscritos denunciam as dificuldades que os índios, "os verdadeiros donos das terras", enfrentavam durante o período colonial, evidenciando que eles tinham uma vida muito sofrida. O presente trabalho apresenta a edição diplomática desses documentos, a fim de facilitar a sua leitura, uma vez que a escrita revela mistérios importantes para a história da humanidade. Pela idiosincrasia metodológica, acredita-se que a edição diplomática é a que atende melhor e de modo eficaz, à reconstrução fidedigna desse passado linguístico e contribuirá, certamente, como elemento esclarecedor, para auxiliar os estudos nas mais diversas áreas do conhecimento humano.

32  
33  
34

### Palavras-chave:

Filologia. Paleografia. Manuscrito. Edição diplomática. Capitania da Bahia.

35  
36  
37  
38  
39

### 1. *Considerações iniciais*

Aprofundar-se no estudo de uma língua pressupõe estudar os fatos históricos e os acontecimentos que motivaram a sua origem e que estão, direta ou indiretamente, relacionados. A sua natureza está associada ao espaço, ao tempo, à variação, à mudança, indubitavelmente.

40  
41

A língua portuguesa tem sido objeto de investigação constante, sobretudo por ter-se tornado língua de expansão de que emergiram diver-

1 sas variedades nacionais na contemporaneidade, e, diversos outros reben-  
2 tos linguísticos na história de transplantação, sendo hoje conhecidos vá-  
3 rios crioulos ao redor do mundo que tiveram por base de formação o lé-  
4 xico do português.

5       Dentre as diferentes variedades originadas na história, o português  
6 brasileiro é uma das mais expressivas manifestações, no que concerne ao  
7 número de utentes na contemporaneidade.

8       Não obstante sua importância linguística, o português brasileiro  
9 ainda é visto por alguns tantos estudiosos a exemplo de Mário Barreto  
10 (1980, p. 357), como “diferente e errada, mal falada, em relação à falada  
11 em Portugal, e alguns fatos dessa imperfeição se devem ao contato, aqui  
12 havido, com os idiomas africanos e indígenas”. É claro que esse tipo de  
13 visão preconceituosa tem dado lugar a trabalhos sérios que consideram o  
14 português brasileiro lídimo herdeiro de sua história, isto é, fruto dos con-  
15 tatos sociais e linguísticos a que se submeteu.

16       É preciso recuperar a dimensão desse contato, nomeadamente a  
17 importância da população indígena, sobretudo no período de transição  
18 entre a chamada língua geral e a expansão do português a partir de me-  
19 dos do século XVIII.

20       O português do Brasil, na condição de língua transplantada, apre-  
21 senta uma trajetória evolutiva própria, marcada por influências múltiplas  
22 e complexas. Diversificados, portanto, são os métodos para sua aborda-  
23 gem, destacando-se o etnolinguístico, o linguístico, o sociocultural e o  
24 sócio-histórico com seus condicionamentos geoeconômicos. Essa multi-  
25 plicidade de pontos de vista converge para a constatação da unidade na  
26 diversidade e da diversidade na unidade como características marcantes  
27 do português do Brasil.

28       Diante do exposto, e sabendo-se que muito da cultura do povo  
29 brasileiro foi herdada do índio, faz-se necessário compreender e preser-  
30 var as diferentes expressões dentro do contexto onde se originam, sobre-  
31 tudo, desvendar as relações que se estabeleceram entre o português e as  
32 línguas indígenas.

33       O *corpus* escolhido para esta pesquisa faz parte do Arquivo Histó-  
34 rico Ultramarino (AHU), de Lisboa, que comporta documentação calcu-  
35 lada em mais de 500.000 documentos, toda microfilmada, em que se en-  
36 contra cerca de 80% dos documentos coloniais brasileiros (BERTOLET-  
37 TI, 2002). Faz parte desse arquivo o PROJETO RESGATE BARÃO DO

1 RIO BRANCO, do gabinete do Ministro da Cultura, sob a Coordenação  
2 Geral do Embaixador Wladimir Murtinho e a Coordenação Técnica da  
3 Dra. Esther Caldas Bertoletti. O projeto supracitado visa disponibilizar  
4 aos pesquisadores em geral os documentos manuscritos existentes nos  
5 arquivos europeus e norte-americanos. A documentação encontra-se dis-  
6 ponível no Brasil através da microfilmagem sistêmica e transposto em  
7 CD-ROMs. Também estão disponíveis os verbetes-resumos de cada um  
8 dos documentos e dos códices, publicados em catálogos e distribuídos  
9 em diversas instituições.

10 Como diz Esther Caldas Bertoletti (2008), podem se encontrar em  
11 arquivos a

12 [...] vivência do homem em sociedade, as suas lutas pela liberdade, os seus son-  
13 nhos de paz [...] o testemunho de sua existência [...] os referenciais das vivên-  
14 cias que nos ajudarão a melhor viver o presente, a participar com maior inten-  
15 sidade para a compreensão entre os homens [...] a resposta a todas as nossas  
16 inquietações, respostas às nossas dúvidas, pistas para novos caminhos.

17 Relativamente aos arquivos históricos, a autora ressalta a sua im-  
18 portância afirmando que há

19 [...] nas caixas, nos maços, nos códices um pouco de tudo: modos de governar,  
20 de educar, de viver, enfim... aqui e alhures... informações que ultrapassam e  
21 muito o interesse dos pesquisadores/historiadores. São de interesse de todos:  
22 políticos e pessoas comuns.

23 Diante de tanta riqueza do Arquivo Histórico Ultramarino, há que  
24 se destacar a suma importância deste para o pesquisador de Linguística  
25 Histórica, uma vez que a documentação escrita revela características lin-  
26 guísticas vigente no momento em que o texto foi escrito.

27 Em relação à edição de textos, embora cada autor adote uma posi-  
28 ção quanto à eleição de critérios, a depender do objetivo que se tenha,  
29 não se pode esquecer que quando se tenta recuperar um maior número de  
30 informações sobre o período em foco, uma transcrição deve procurar pre-  
31 servar as características que a língua representa no momento em que o  
32 texto foi escrito, tanto no que concerne a aspectos fonéticos, como mor-  
33 fológicos e até mesmo sintáticos ou discursivos. Uma pequena diferença  
34 de leitura do valor grafemático-fonético das letras poderia alterar subs-  
35 tancialmente a história da língua.

36 Tendo como respaldo a importância de manuscritos antigos para a  
37 história de uma sociedade, ao se fazer uma primeira transcrição é funda-  
38 mental optar-se por interferir minimamente nas características originais  
39 do texto, uma vez que o texto escrito permitirá ao leitor uma imagem da

1 competência linguística do autor da escrita, possibilitando o estudo da  
2 língua do texto em vários níveis.

3 Desse modo, o método filológico aqui proposto buscará conservar  
4 integralmente os dados patentes na documentação selecionada, a partir da  
5 definição e aplicação de critérios.

6 Nesse sentido, a edição diplomática parece ser a mais aconselhá-  
7 vel uma vez que os seus critérios direcionam para uma mínima interven-  
8 ção no processo de transcrição de um texto manuscrito.

9 É importante ressaltar que, mesmo com as pequenas alterações  
10 que a caracterizam, a edição diplomática já implica em certa interpreta-  
11 ção do texto nos seus aspectos paleográficos, até pelo fato de que o texto,  
12 antes manuscrito, muda de suporte. Há, entretanto, uma eterna discussão  
13 sobre os tipos de edição possíveis e de quais critérios devem estes com-  
14 portar.

15 Para Serafim da Silva Neto (1988, p. 259), qualquer via que leve à  
16 interpretação dos fatos de uma língua é aceitável, afirmando que,

17                   Destá ou daquela maneira, num ou noutro campo, o que importa é traba-  
18                   lhar. O que importa é trabalhar pela dignidade de nossa ciência e firmar-lhe a  
19                   posição no grupo das ciências do homem. É coisa evidente que devemos con-  
20                   jugar os métodos, fazendo-os convergir para o esclarecimento dos problemas.  
21                   Há que lançar mão de todos os recursos, para poder interpretar os fatos da lín-  
22                   gua. Todos os meios são bons, desde que concorram para a reconstituição de  
23                   um fenômeno linguístico – fenômeno de natureza muito complexa, que tem as  
24                   suas raízes no cérebro dos falantes e está intimamente entrelaçado com a *obje-*  
25                   *tologia* e com a vida social.

26                   É claro que nem “todos os meios são bons”, mas se deve sempre  
27                   procurar os melhores dentro do que seja possível.

28                   Muitos filólogos não chegam sequer a uma definição pacífica do  
29                   que seja uma edição diplomática. Leodegário Amarante de Azevedo Fi-  
30                   lho (1987, p. 30), por exemplo, afirma que a “[...] edição diplomática é  
31                   aquela que, por meios tipográficos, reproduz exatamente a lição de um  
32                   manuscrito”. E mais, continua o referido autor, “[...] “numa edição real-  
33                   mente diplomática não deve haver a correção de nenhum erro, nem mes-  
34                   mo a introdução de sinais de pontuação ou qualquer adaptação ortográfi-  
35                   ca”. *Mutatis mutandis* onde o autor se refere a meios tipográficos com-  
36                   preende-se por meio de digital.

37                   Já para César Nardelli Cambraia (2005, p. 93), na “edição *diplo-*  
38                   *mática* tem-se a primeira forma de mediação efetivamente feita pelo crí-

1 tico textual, sendo esta, porém, bastante limitada: trata-se, portanto, de  
2 um *grau baixo de mediação*”. Diz o mesmo autor que uma edição diplo-  
3 mática não deve comportar o desdobramento de abreviaturas, entretanto,  
4 autores como Clarinda de Azevedo Maia e Américo Venâncio Lopes  
5 Machado Filho julgam que embora a interferência de transcrição seja mí-  
6 nima, as abreviaturas devem ser desenvolvidas, sob pena de uma edição  
7 diplomática ser confundida com uma paleográfica.

8 O recorte proposto para esta pesquisa é de dois documentos ma-  
9 nuscritos, editados diplomaticamente, com vistas a servir de material de  
10 análise por linguistas, historiadores e interessados pelo tema em geral.  
11 Então, o trabalho que se propõe aqui apresentar pode ser resumido nos  
12 seguintes objetivos:

- 13 ✓ Editar diplomaticamente dois manuscritos do século XVIII, per-  
14 tencentes ao Arquivo Histórico Ultramarino e relacionados à  
15 temática indígena da Capitania da Bahia;
- 16 ✓ Evidenciar nos manuscritos questões que possam se referir à  
17 construção sócio-histórica do índio no cenário brasileiro;
- 18 ✓ Contribuir, como elemento esclarecedor, com os estudos em di-  
19 versas áreas do conhecimento humano.

20 Espera-se que este estudo forneça contribuições para conectar  
21 passado e presente, sobretudo em relação à base histórica da multiface do  
22 português brasileiro, já que o tratamento filológico dará conta da circula-  
23 ção e notícia das informações presentes nos manuscritos.

24 Os dois documentos manuscritos são apresentados no catálogo  
25 disponibilizado pelo Projeto Resgate da seguinte forma:

26  
27 a) **1712, Maio, 4, Bahia**

28 CARTA do governador-geral do Brasil Pedro de Vasconcelos  
29 ao rei [D. João V] em resposta a carta régia que ordena a de-  
30 limitação da quantidade de terra doada aos aldeamentos de  
31 índios.

32 AHU-Baía, cx. 7, doc.7

33 **AHU\_ACL\_CU\_005, Cx. 7, D. 608.**

34

1           b) **1722, Julho, 29, Bahia**

2           CARTA do [vice-rei e governador-geral do Brasil] Vasco  
3           Fernandes César de Menezes ao rei [D. João V] sobre as dili-  
4           gências que mandou efetuar contra os índios do sertão pelo  
5           capitão-mor Antônio Veloso.

6           AHU-Baía, cx. 12, doc. 98

7           **AHU\_ACL\_CU\_005, Cx. 15, D. 1313**

8           Para a edição dos documentos, foram adotados os seguintes crité-  
9           rios:

- 10          ✓ As grafias originais de consoantes e vogais foram mantidas,  
11          independentemente de seu valor fonético, inclusive as dupli-  
12          cadas;
- 13          ✓ Foram também conservadas as palavras que se apresentam  
14          unidas no original e hoje se grafam separadas e vice-versa;
- 15          ✓ As letras maiúsculas e minúsculas não foram alteradas, sendo  
16          representadas igualmente como ocorrem no texto original; se  
17          apresentando um tamanho superior de corpo maior do que o  
18          padrão das minúsculas, mesmo as que aparecem no interior do  
19          sintagma, também foram interpretadas como maiúsculas;
- 20          ✓ Os diacríticos foram mantidos, embora, em alguns casos, seus  
21          usos sejam distintos do sistema atual;
- 22          ✓ As abreviaturas foram desenvolvidas e seus desdobramentos  
23          são apontados em itálico;
- 24          ✓ Transcrever os vocativos conforme sua apresentação no ma-  
25          nuscrito, se direita, esquerda ou centralizado, ressaltando-se  
26          que não haverá numeração da linha;
- 27          ✓ A numeração do fólio é indicada na parte superior da página, à  
28          margem direita, indicando se reto ou verso, em itálico, fazendo  
29          a chamada com asterisco (*\*f. Ir*, *\*f. Iv*);
- 30          ✓ Todas as linhas, exceto as dos vocativos e das assinaturas, fo-  
31          ram indicadas. Essa indicação foi reproduzida com números  
32          arábicos, entre colchetes e precedidos da letra “l” seguida de  
33          ponto [l.4], anterior ao vocábulo inicial de cada linha;

- 1 ✓ Os caracteres indefinidos, mas sendo possível inferir uma lei-  
2 tura, foram assinalados pelos sinais < >;
- 3 ✓ As rasuras ilegíveis foram assinaladas entre colchetes e de  
4 ticências [...], sem precisar sua dimensão na mancha do texto;
- 5 ✓ As assinaturas não foram todas transcritas nesta pesquisa por  
6 causa da imprecisão a que se poderia chegar. Não obstante, é  
7 um trabalho a ser realizado futuramente. Quando não há a pos-  
8 sibilidade de reconhecimento da assinatura, a representação foi  
9 feita por duas chaves {{ }}, quando transcrita, é apresentada  
10 em negrito;
- 11 ✓ Só foi editado o texto principal. As inscrições inábeis, na pers-  
12 pectiva do termo cunhado por Rita Marquilhas (1998), foram  
13 reservadas para uma posterior análise.

14 Embora não se possa precisar com exatidão todas as característi-  
15 cas paleográficas dos documentos editados, uma vez que não se tem, ain-  
16 da, o texto original, todas as características paleográficas possíveis foram  
17 ressaltadas. Quando não há a possibilidade de análise, esclarece-se por  
18 meio de nota ou no próprio texto.

19 Após a identificação dos aspectos paleográficos identificáveis foi  
20 feito um resumo do teor narrativo presente em cada documento.

21 A seguir, apresenta-se a microfilmagem de cada documento, se-  
22 guida pela edição diplomática, teor narrativo e aspectos paleográficos  
23 identificáveis, respectivamente:





1 **Edição**

2 [\*f.1r,]

3 [c1]

4 [l.1] Esta carta de *Vossa Magestade* fica Registada nas [l.2] partes aque  
5 toca; e farei inviolavelmente [l.3] obseruar, o que *Vossa Magestade* por  
6 ella ordena. A Real PeSsoa de *Vossa Magestade*. *garde* NoSso Senhor,  
7 como Seus VaSsallos hauemos Mister. *Bahia* eMayo 4 de 1712.

8 [\*f.1]

9 *Senhor*

10 [c2]

11 [l.1] DomLourenço de Amada Amigo. EV El Rey [l.2] vos envio muito  
12 Saudar. Sou informado que os [l.3] Menistros a quem comety a dilligen-  
13 cia dos tombos [l.4] das terras dos Certoens desse Estado e'da repartição  
14 [l.5] das que Se deuem dar a cada Aldeya deIndioz, [l.6] e'aos vigarios  
15 das Igrejas para os seus paSaes, exce, [l.7] deraõ na taxa das terras para  
16 os peSoaes das Igrejas, [l.8] afórma de órden que para esta delligencia  
17 tivé= [l.9] raõ, dandolhe mais terra da que lhes he permitida, [l.10] Repa-  
18 driando aos moradores circunvezinhos, em [l.11] lhos tirar muita parte  
19 dos que Lograõ, e'nos me= [l.12] lhores Citios, para as darem aos Paro-  
20 chos, que com [l.13] a tal extençam, Se fazem senhores de muita fa=  
21 [l.14] zenda, e'creaçõens, e'com ellas taõ poderozos, que os [l.15] pôbres  
22 senão atreuem aqueixar do Prejuizo *que* [l.16] Recebem; Epor lhos evi-  
23 tar este dano, e'Remediar [l.17] o Erro, que na ditta taxa SeConSidera.  
24 Me pare= [l.18] ceo ordenarvos, naõ consintaes que aos vigarios das  
25 [l.19] Igrejas Parochias, e'Missionarios dos Indios aldeas= [l.20] dos nos  
26 certoens deSsa Capitanya, se dé para peSoaes [l.21] das taes Igrejas, mais  
27 terra que aque baste para [l.22] pasto de tres ou quatro cavallos, e'de ou-  
28 tras tantas [l.23] vacas, que he o que sóbra para hum clerigo,e'esta [l.24]  
29 ordem fareis Registrar nos Livros daCamara, e'nos [l.25] daSecretaria  
30 deSse gouerno, e'nas mais partes a [l.26] honde tocar, que he omesmo  
31 que Se ordena ato- [l.27] dos os governadores das mais capitanyas deSse  
32 [l.28] Estâdo. Escrita em Lisboa a 12 de Nouembro [l.29] de 1720 .S.  
33 REY.S. P. Miguel Carlos .S. Para o [l.30] gouernador geral do Estado do  
34 Brazil .S.

35



## 1 2. Aspectos paleográficos identificáveis

2 O documento amanuense, isto é, feito a mão, é um texto em que  
3 se observa não se tratar de uma mão inábil, na perspectiva do termo cu-  
4 nhado por Rita Marquilha (1998). A escrita apresenta uma homogenei-  
5 dade em seu tamanho, com regularidade no traçado das letras e leve in-  
6 clinação para a direita, sem borrões e sem rasuras.

7 O documento é do tipo anopistógrafo, escrito apenas no reto do  
8 fôlio. Está organizado em duas colunas. A primeira é composta por 6 li-  
9 nhas e a segunda por 30 linhas. O vocativo “Senhor” está na borda supe-  
10 rior, centralizado em relação à disposição da primeira coluna. Esta não  
11 acompanha uma regularidade linear em relação à segunda coluna iniciada  
12 após o vocativo. Após o texto da primeira coluna há duas linhas ininteli-  
13 gíveis que, pelo formato da letra, trata-se de um texto feito por segunda  
14 mão.

15 Há, também, cinco assinaturas abreviadas após a informação inin-  
16 teligível e dois carimbos de dimensões diferentes. O menor com o se-  
17 guinte teor: Arquivo Histórico Ultramarino; e o maior da Biblioteca Na-  
18 cional de Lisboa, com o teor: Arquivo de Marinha e Ultramar.

19 Na borda inferior, centralizada nas dimensões da primeira coluna,  
20 há uma assinatura com algumas partes abreviadas. Em relação ao sistema  
21 braquigráfico, isto é, processo de se escrever por meio de abreviaturas, o  
22 texto possui duas abreviaturas, como se percebe a seguir:

23 a) [l.17, C2]  b) [l.5, C1] , correspondendo respecti-  
vamente a “que” e “Bahia”.

24 Embora o documento tenha sido escrito por mão única, percebem-  
25 se formas diferentes de grafia de uma mesma letra. Essa atitude pode ser  
26 vista com a letra “s”. Vejam-se os exemplos a seguir:

27 [l.2]  b) [l.2]  c) [l.4] 

28 d) [l.3]  e) [l.4] , respectivamente  
“vos”, “Saudar”, “Certoens”, “Menistros” e “deSse”.

29 Como se pode perceber nos contornos dos “s” acima, o amanuense  
30 traça formas diversificadas para cada situação. Quando germinado, por  
31 exemplo, nota-se uma recorrência de dimensão maior para o primeiro  
32 “s”. Essa postura também é adotada quando no início do vocábulo.

33

1     **3. Teor narrativo**

2             O Governador Geral do Brasil, Pedro de Vasconcelos, comunica  
3     ao Rei a postura da igreja em relação à repartição das terras do sertão da  
4     Bahia, que deveriam ser distribuídas entre as aldeias dos índios. Entretanto,  
5     essa divisão acontecia de forma desordenada, beneficiando as paró-  
6     quias e missionários com as melhores terras.

7             A repartição de terras foi determinada pelo rei para os índios e pa-  
8     ra a igreja, esta, por sua vez, se beneficiou além do que era permitido,  
9     deixando os indígenas no prejuízo, sem ter a quem recorrer. Dessa forma,  
10    o governador solicita ao rei providências que impedissem essa desorde-  
11    nada distribuição, alegando que para as igrejas bastaria terra para poucas  
12    criações.

13



1 **Edição**

2 [\*f.Ir]

3 [c1]

4 [l.1] Baia [l.2] 1722 Julho 29]

5 [texto ininteligível]

6 [\*f.Ir]

7

8 Senhor.

9 [c2]

10 [l.1] Pello comboy de Pernambuco, pus napre= [l.2] zença deVossa Ma-  
11 gestade hauerçe Recolhido em Janey= [l.3] ro, oCapitão mor Antonio  
12 Vellozo, depois de= [l.4] Campeare alguñs mezes pello Certaõ, e'nos=  
13 [l.5] destrictos mais proprios deSe incontrar com= [l.6] os Indios brabos,  
14 que infestauaõ as Cabi= [l.7] çeiras do Jaqueriçã, e'nomes deFeuereiro,  
15 [l.8] omandey continuar a mesma delligencia, taõ= [l.9] fellis mente, que  
16 nofim detres mezes, tendo [l.10] penetrado muita parte doCertaõ, deu  
17 com o= [l.11] Rasto dosmesmos Indios, e'Seguindoo com= [l.12] Suas  
18 partidas, avançadas naforma que Se= [l.13] fas aguerra do Pais, foraõ es-  
19 tas Sentidas do= [l.14] inimigo, do que Rezultou ocuparem huã Ser=  
20 [l.15] ra quazy impenetravel, que cobria da Aldea= [l.16] em que habi-  
21 tauaõ, e'aly fizeraõ huã taõ vi= [l.17] guroza defença, que Se puzeraõ os  
22 noSsos em= [l.18] grande consternaçaõ; poremore obrigados do= [l.19]  
23 exemplo, vallor, e'impulço domesmo Capitaõ= [l.20] mor, acometeraõ os  
24 Indios taõ intrepidamen [l.21] te, queforaõ percizados depois demortos  
25 al= [l.22] guns, aabandonarem aquelle deficultozo [l.23] passo  
26 e'continuando os noSsos apreSeguillos [l.24] naSua Retirada, foraõ mor-  
27 tos treze, feridos [l.25] muitos, e'prezineyros alguñs, e'comisto Liures

28 [\*f.Iv]

29 [c2]

30 [l.1] os doCayrû, e'Jaqueriçã dos Seus inSultos: [l.2] estes Indios chama-  
31 dos Tupimnabuhã, Saõ [l.3] taõ corpulentos, e'Vallerosos, que naõ Re-  
32 cebem, [l.4] nem daõ quartel, e'os Seus Arcos, e'Frechas, [l.5] Saõ de-  
33 maneyra, que naõ podem os outros v= [l.6] zar deSemelhantes armas: pa-  
34 receume por [l.7] na prezença deVossa Magestade, este bom Sucesso,

1 com= [l.8] acircunstancia deSefazer esta guerra, Sem [l.9] despeza daSu-  
2 aReal fazenda, nem perdermos [l.10] mais que hum homem, e'Sinco, ou-  
3 Seis feridos; e'= [l.11] Suposto Seintender, que ficaraõ extintos a= [l.12]  
4 quelles barbaros, mando continuar namesma [l.13] delligencia, ao menos  
5 para Reduzir aSealde= [l.14] arem quaes quer outros, que andem esper-  
6 ços. [l.15] A Real Pessoa deVossa Magestade guarde Nosso Se= [l.16]  
7 nhor, como Seus Vassallos hauemos mister. [l.17] Bahya e'Julho 29  
8 de1722.

9

#### 10 4. Aspectos paleográficos identificáveis

11 O manuscrito é regular quanto ao *ductus* ou traçado das letras e  
12 homogêneo em seu tamanho. Possui um fólio, reto e verso. Não há rasu-  
13 ras, mas dois borrões no segundo fólio, que não comprometem a leitura  
14 da palavra. O texto indica que o copista deveria ter prática de escrita, já  
15 que apresenta uma estética organizada. Os vocábulos, por vezes, são en-  
16 cadeados e grafados sem descanso das mãos, característica comum a do-  
17 cumentos do século XVIII, entretanto, pode-se dizer que é uma escrita  
18 suave e bem traçada, como se percebe, por exemplo, nas linhas [l.9r, c2]  
19 *no fim* e em [l.10r c2] *do certo*, do manuscrito.

20 O texto está escrito em duas colunas. Na borda superior a esquer-  
21 da da primeira coluna há uma datação, feita por segunda mão, e uma par-  
22 te ininteligível, claramente inábil, em 17 linhas, feita por uma terceira  
23 mão.

24 A segunda coluna, iniciada pela capitular “P”, é formada por 25  
25 linhas e iniciada após o vocativo “Senhor”. Este se apresenta centralizado  
26 de acordo com a disposição da segunda coluna. Entre o vocativo e a se-  
27 gunda coluna, percebe-se a imagem de dois carinhos de dimensões dife-  
28 rentes: um da Biblioteca Nacional de Lisboa, com o seguinte teor: Arqui-  
29 vo de Marinha e Ultramar; e o outro indicando tratar-se de documentos  
30 do Arquivo Histórico Ultramarino.

31 No verso do fólio, o texto é continuidade da segunda coluna, pre-  
32 cedido pela continuação do texto ininteligível, antes referido por mão  
33 inábil. Possui 17 linhas e a mancha do reto pode ser observada no verso.  
34 Entre a parte ininteligível e o início da segunda coluna há cinco assinatu-  
35 ras abreviadas e na borda inferior, centralizada em relação a segunda co-  
36 luma, há uma assinatura por extenso, parcialmente. Os carimbos do reto  
37 são, também, perceptíveis no verso.

38

## 1    **5. Teor narrativo**

2           O Vice-Rei e Governador Geral do Brasil, Vasco Fernandes Cesar  
3 de Menezes, faz um relato ao rei D. João V, informando sobre a guerra  
4 entre os que chamam de “gentis bravos”, isto é, os índios, e um grupo li-  
5 derado pelo Capitão-Mor Antonio Velloso, nas cabeceiras do Jequeriçá.  
6 Essa guerra durou três meses, num lugar de difícil acesso em que viviam  
7 os índios. Com a luta, alguns índios abandonaram a aldeia e foram perse-  
8 guidos pelo grupo do capitão, outros foram mortos enquanto muitos fica-  
9 ram prisioneiros. Destes, alguns ficaram livres.

10           Na carta o Governador classifica os índios como corpulentos, va-  
11 lentes, e suas armas não fazem parte de qualquer trabalho de escambo.  
12 Usam, ainda, arcos e flechas os quais são de difícil manejo por outras  
13 pessoas a elas desacostumadas, segundo consta. Informa, também, que  
14 diante da habilidade com que os índios lutavam, a tropa do capitão saiu  
15 vencedora, contando apenas com uma morte e menos de sete homens fe-  
16 ridos.

17           O governador diz que os gentis bravos foram massacrados e que a  
18 perseguição deve continuar para que os que andam dispersos não voltem  
19 a formar aldeias.

20

## 21    **6. Considerações finais**

22           Procurando seguir os princípios filológicos ao trabalhar com tex-  
23 tos escritos, buscou-se fazer transcrições fidedignas para que a descrição  
24 dos fatos da língua no momento em que o texto foi escrito não sofresse  
25 alterações.

26           Partindo dessa reflexão, e consciente de que os dados existentes  
27 sobre a sociedade indígena brasileira no contexto de dominação ainda são  
28 incipientes, sobretudo os referentes a um período tão caro à história da  
29 linguística no Brasil, que é aquele em que a língua geral passa a ser des-  
30 prestigiada, sentiu-se a necessidade de se fazer uma edição conservadora  
31 dos manuscritos estudados, uma vez que elementos linguísticos do texto  
32 estabelecido permitiriam estudar a língua nele documentada.

33           Obviamente, em função dos limites temporais, não foi possível,  
34 neste estudo, fazer uma transcrição dos textos exógenos ao *corpus* básico  
35 desta pesquisa, questão que poderá ser retomada posteriormente. Além  
36 da edição dos dois documentos, teve-se a preocupação de proporcionar,

1 com os recursos disponíveis, uma análise dos aspectos paleográficos  
2 identificáveis e um resumo das informações narradas em cada documen-  
3 to.

4 Pela documentação editada, é perceptível a inferioridade e subser-  
5 viência do indígena diante do colonizador. Essa subserviência, escrava-  
6 gista, como comprovam os documentos editados, direciona para a aceita-  
7 ção de que os índios tinham e têm uma vida sofrida.

8 Em síntese, é emergente a busca por dados mais concretos que  
9 possam subsidiar a história do índio no contexto social brasileiro e assim  
10 contribuir com a difusão de que o indígena participava efetivamente, não  
11 apenas na formação de um povo, de uma nação, mas também no formato  
12 linguístico, a menos lexical, que culminou no português do Brasil.

13

14

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

15 AZEVEDO FILHO, Leodegário Amarante de. *Introdução ao estudo da*  
16 *nova crítica no Brasil: ensaio de história e crítica literária*. Rio de Janei-  
17 ro: Acadêmica, 1987.

18 BARRETO, Mário. *Novos estudos de língua portuguesa*. Rio de Janeiro:  
19 INL, 1998.

20 BERTOLETTI, Esther Caldas. *Arquivo: escaninho das memórias*. Dispo-  
21 nível em: <http://www2.iict.pt/?idc=102&idi=11716>. Acesso em: 13 jun.  
22 2010.

23 CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo:  
24 Martins Fontes, 2005.

25 MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. *Diálogos de São Gregó-  
26 rio: edição e estudo de um manuscrito medieval português*. Salvador:  
27 Edufba, 2008.

28 MARQUILHAS, Rita. Mãos inábeis nos arquivos da inquisição. Fontes  
29 para o estudo fonológico do português do século XVII. In: KREMER,  
30 Dieter. (Ed.). *Homenaxe a amón Lorenzo*, tomo II. Vigo, Galaxia, 1998,  
31 p. 761-767.

32 SILVA NETO, Serafim da. *Manual de filologia portuguesa: história,*  
33 *problemas, métodos*. 4. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1988.